

O intelectual orgânico e a hegemonia burguesa

Luzimar Barreto França Junior

Como citar: JUNIOR, L. B. F. O intelectual orgânico e a hegemonia burguesa. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 15-18.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p15-18>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O intelectual orgânico e a hegemonia burguesa

Luzimar Barreto França Junior¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho inaugura, da nossa parte, uma reflexão mais acurada da obra gramsciana, em específico, o tema relacionado ao papel da intelectualidade na construção/desconstrução do discurso hegemônico. Nossa expectativa nesta primeira tentativa, é darmos início à problematização e ao debate acerca do tema – intelectualidade orgânica e ordem hegemônica burguesa. Iremos apenas lançar algumas idéias, ainda sem qualquer tipo de conclusão a respeito.

Apresentaremos neste trabalho, de início, nosso entendimento a respeito do conceito de “intelectual” e sua classificação dicotômica básica encontrados na obra do grande pensador italiano. Após, trataremos da função do intelectual orgânico na formação/construção do pensamento hegemônico, para, ao final, lançarmos nossa indagação quanto à existência ou não de uma intelectualidade orgânica burguesa nos tempos atuais.

O PAPEL SOCIAL DO INTELECTUAL

Havendo um momento em que um determinado bloco histórico alcança a hegemonia, qual seria o papel desempenhado pelo intelectual, seja ele da direita ou da esquerda, diante deste fato?

Ao iniciar o *Caderno 12* (Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais)¹, Gramsci informa a existência de dois tipos possíveis de intelectuais: o *orgânico* e o *tradicional*. Segundo o pensamento gramsciano, aos intelectuais incumbiria uma função bastante importante no processo de produção/reprodução do pensamento geral, à medida que ocupam espaços sociais de decisões práticas e teóricas. Em todos os extratos sociais há de existir seus intelectuais, tanto na esquerda revolucionária, quanto na direita reacionária.

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Presidente Prudente. Especialista em Direito e Processo do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestrando em Ciências Sociais e Política na FFC/Unesp – Marília.

¹ Os intelectuais são os prepostos do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominantes à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 2002, p.21)

O intelectual do tipo *orgânico* seria aquele nascido dentro – e concomitantemente –, de um determinado grupo social, com a função precípua de organizar e homogeneizar a consciência de sua classe “*tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe*”. Ele está estritamente afeto à busca da obtenção da hegemonia. Enquanto os intelectuais da classe ora dominante (a burguesia) exerceria as funções de hegemonia do governo político em nome desta classe, os intelectuais orgânicos da esquerda, tratariam de exercer uma função contra-hegemônica.

Já o intelectual *tradicional* preexiste à situação/força atual, emergindo a partir de uma estrutura econômica anterior, representando uma continuidade histórica não interrompida. Gramsci cita o intelectual eclesiástico como sendo o mais típico desta categoria. Em razão de sua natureza contínua, os *tradicionalistas* acabam por assumir uma postura autônoma e independente do grupo social dominante, porém, sempre se aproximando do grupo hegemônico.

Para conceituar o intelectual orgânico, Gramsci leva em conta a ocorrência da dualidade hegemonia/ contra-hegemonia, característica marcante do tempo em que viveu o grande pensador italiano (1891/1937). Devemos lembrar que o *Caderno 12* foi escrito no ano de 1932, período este de intenso combate entre o pensamento reacionário burguês e a esquerda revolucionária altamente influenciada pelo pensamento marxista. A questão que se coloca neste trabalho é discutir se na atualidade, havendo um arrefecimento (e quase desaparecimento) do debate entre o discurso da direita e esquerda que, nas últimas décadas, fundiram-se em uma poderosa corrente política que já se tornou hegemônica e que, tal qual no discurso reacionário anterior, tem forte propensão a defender os interesses das velhas classes dominantes (muito embora propagando a idéia de representar todas as classes),² haveria espaço para o intelectual orgânico burguês? Esta questão leva em conta que a ideologia dominante na atualidade é a ideologia burguesa, não havendo força nem ameaças políticas para impor-se uma contra-hegemonia, pelo menos da forma em que ocorria ao tempo de Gramsci.

É na relação com o poder hegemônico que se deve analisar e considerar a atuação dos intelectuais. Ou endossando e representando, ainda que de forma parcial o estrato dominante e hegemônico, ou apontando os antagonismos sociais e exprimindo as contradições em luta na expressão mais abrangente da realidade histórico-política. Ocorre, todavia, que na concepção gramsciana, o conceito de intelectual orgânico está umbilicalmente ligado à dualidade hegemonia/ contra-hegemonia.

O INTELLECTUAL ORGÂNICO EM TEMPOS DE HEGEMONIA BURGUESA

Antes de se aprofundar o debate com relação à existência ou não do intelectual burguês do tipo orgânico na fase atual, mister atentar-nos para o que Gramsci nos revela com relação ao conceito de hegemonia. A noção de hegemonia está espalhada por toda a obra gramsciana, está por exemplo, no § 37 do *Caderno 13*: “*O exercício “normal” da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria,*

² *New labour*, Terceira Via, Social Democracia.

expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações –, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados”. (GRAMSCI, 2002, p.95)

Seria então possível dizer que nos dias atuais haveria uma crise de hegemonia da forma como descrito por Gramsci no § 23 do Cardeno 13? *“(…) a crise de hegemonia da classe dirigente, que ocorre ou porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou porque amplas massas (sobretudo de camponeses e de pequenos-burguesas intelectuais) passaram subitamente da passividade política para uma certa atividade e apresentam reivindicações que, em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução. Fala-se de “crise de autoridade”: e isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto”* (GRAMSCI, 2002, p.60). Ou, ao contrário disso, poderíamos então dizer que o momento atual é de plenitude hegemônica da ordem burguesa? É de se indagar ainda: haveria espaço para uma crise de autoridade na atual ordem burguesa? Há reivindicação contra-hegemônica? Cremos que, da forma como as coisas estão postas, não³. Então, não havendo conflito de hegemonia, haveria, ainda assim, espaço para o intelectual orgânico burguês?

Em Gramsci, o intelectual do tipo orgânico seria aquele que desenvolve sua teorização/ação com a finalidade de efetivar a mudança no processo com a elevação da classe representada pelo intelectual. A primeira atividade do intelectual do tipo orgânico seria desconstruir a ordem posta (ou a que tem condições de se tornar hegemônica), portanto, neste sentido, a burguesia hegemônica dos dias atuais não poderia (nem precisaria) possuir intelectuais do tipo orgânico. Ora, se a ordem burguesa é hegemônica e não está ameaçada, não haveria papel para o intelectual orgânico burguês. Será mesmo que a dita “esquerda” brasileira atual (v.g.: PT, PSOL, CUT, MST e outros) representa alguma ameaça ao ideário burguês? Ou, num sentido mais amplo, bastaria analisar a atuação dos partidos ditos de esquerda no restante do mundo.

A conclusão acima não afasta a possibilidade de existir intelectuais orgânicos tanto da direita quanto da esquerda, isto, quando diante da dualidade de correntes políticas, diante da existência de forças antagonicas – pré e contra-hegemônicas. Gramsci, em seus cadernos, trabalhava com a idéia latente de uma disputa ideológica pelo poder que dominou o mundo na maior parte do século XIX e XX. Sob esta perspectiva, ao tempo de Gramsci, a burguesia era uma classe disputando o poder, porém, nos dias atuais, a burguesia não é classe, é o poder, é o Estado.

Poderíamos, em tese, reconhecer no cenário internacional a existência de casos específicos de conflitos de hegemonia, tal qual ocorrem na Venezuela, Bolívia e Equador, entretanto, a posição econômica e geo-política destas nações não nos permitem grandes expectativas (ao menos não de uma forma concreta e imediata). Os exemplos que vêm do leste asiático (a China como expoente) também não são inspiradores, na medida em que, visivelmente, a ordem e o ideário capitalista burguês passam a ser absorvidos pelo Estado dito “comunista”.

³ Nossa opinião está longe de aceitar ou compactuar com o discurso hegemônico burguês. Apenas, fazemos uma constatação do papel desempenhado pelos partidos, movimentos sociais e sindicatos ditos de esquerda que, nas últimas décadas, voltaram-se em defesa das mesmas proposições do ideário burguês. Aliás, tal fenômeno é analisado pelo próprio Gramsci, ao apresentar a idéia de “transformismo”.

A idéia da inexistência de uma classe intelectual orgânica burguesa, na atualidade, encontra respaldo no pensamento marxista de superação de lutas de classe. Ora, no momento em que revolução proletária se der, impondo-se sobre a ideologia burguesa, realizando a esperada sociedade regulada, onde não haveria mais classes, não haveria mais reivindicações, não haveria mais o que se desconstruir. A intelectualidade orgânica proletária tornar-se-ia obsoleta, dissolvendo-se nas massas. Este mesmo fenômeno se dá, de forma reversa, nos dias atuais em relação à burguesia e sua intelectualidade.

Considerações finais

A indagação posta neste trabalho reforça a idéia de construção ou recuperação de uma consciência de classe proletária. *A priori*, seria este o papel do intelectual orgânico da esquerda para os dias atuais. É preciso lembrar que não há luta de classes, sem classes. Dito isto, reconstruído o discurso contra hegemônico, com atores sociais comprometidos com a classe proletária, haveria então a possibilidade de se restabelecer o embate direta-esquerda (hegemonia *versus* contra-hegemonia). De outro modo, enquanto o discurso da esquerda não representar qualquer tipo de ameaça, não há sentido em falar-se em intelectual orgânico burguês.

BIBLIOGRAFIA

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárceres*. Volume 2 e 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.